

OEDEOP

LE ANDRO GOMES DE BARROS

Proprietários: Filhos de José Bernardo da Silva

HISTORIA DO
Cachorro dos Mortos



Acrostico: LEBANDRO

FC-497

Rev. Pres. - 26
cot. I - 721

Leandro Gomes de Barros

Proprietario: Filhos de José Bernardo da Silva

O Cachorro dos Mortos

Os nossos antepassados
eram muito prevenidos
diziam: matos têm olhos
e paredes têm ouvidos
os crimes são descobertos
por mais que sejam escondidos

Em oitocentos e seis
na provincia da Bahia
distante da capital
3 léguas ou menos seria
Sebastião de Oliveira
ali num canto vivia

Ele, a mulher e duas filhas
e um filho já homem feito
o rapaz era empregado
e estudava Direito
o velho não era rico
mas vivia satisfeito

As duas filhas eram moças
honestas, e trabalhadoras
logravam na capital
o nome de encantadoras
chamavam atenção de todos
as grandes tranças tão louras

Esse velho era ferreiro
e ferreiro habilitado
vivia do seu officio
plantando e criando gado
por 3 vezes enfeitou
o cargo de delegado

Havia um vizinho dele
Eliziário Amorim
esse tinha um filho único
da espécie de Caím
enquanto o espanhol velho
até não era ruim

O filho dêsse espanhol
uma fera carniceira
veio provocar namôro
com as filhas de Oliveira
uma delas disse a ele:
de nós não há quem o queira

Ele disse: tu não sabes
que meu pai possui dinheiro
em terras e criações
é o maior fazendeiro?
ela disse: o meu é pobre
planta, cria e é ferreiro

—Minha mãe tece de ganho
nós vivemos de costura
meu pai vive da sua arte
e de sua agricultura
meu irmão é empregado
para que maior ventura?

O sedutor conhecendo
seus planos serem debaldes
e só podia vencê-la
por meio da falsidade
que é a arma mais própria
onde existe a maldade

Saiu dali Valdivino
fedendo a chifre queimado
e Angelita ficou
com o coração descansado
nem disse aos outros de casa
o que tinha se passado

Ele pensou em forçá-la
mas pensou no resultado
devido o pai de Angelita
ser muito considerado
o filho pelo govêrno
era bem conceituado

Exclamava ele consigo:
oh! Angelita, és tão bela!
eu não sossegarei mais
e nem me esquecerei dela
farei tudo pra vencê-la
porém não caso com ela

Mas Valdivino temia
o pai dela e o irmão
que o govêrno da província
tinha-lhe muita atenção
o rapaz era empregado
e tinha consideração

Valdivino inda pensou
que matando Floriano
podia calçar com ouro
todo govêrno baiano
ainda que entrasse em júri
não passava nem um ano

Ou poderia matá-lo
oculto numa emboscada
pois ninguém vendo o crime
ele não sofria nada
defunto não conta história
estava a questão acabada

Havia ali um engano
entre Vitória e Bahia
a divisão das províncias
ali ninguém conhecia
Sebastião de Oliveira
era o único que sabia

O govêrno da província
tendo aquela precisão
disse um dia: Floriano
você vá em comissão
chamar seu pai para vir
mostrar a demarcação

Valdivino de Amorim
viu Floriano passar
escolheu um lugar próprio
onde pudesse emboscar
dizendo dentro de si:
ele não pode escapar

x A fera foi emboscá-lo
onde havia uma capoeira
carregou um bacamarte
fêz duma árvore trincheira
distante um quarto de légua
da fazenda de Oliveira

O rapaz chegou em casa
o velho tinha saído
ver se achava um jumento
que havia se sumido
um amigo lhe escreveu
que lá tinha aparecido

O Floriano chegou
depois que o velho saiu
nessa tarde não voltou
com a família dormiu
deu o recado a mãe d'ele
de madrugada seguiu

Calar um cachorro velho
que Sebastião criou
quando Floriano saiu
Calar o acompanhou
Floriano o quis voltar
porem Calar não voltou

Passava ali Floriano
a fera então enfrentou-o
disparou o bacamarte
sem vida em terra lançou-o
Calar partiu ao sicário
o assassino amarrou-o

As moças lá da fazenda
ouviram o estampido
Angelita se assustou
dizendo: o que terá sido?
o tiro foi para o lado
que seu irmão tinha ido

Angelita convidou
a sua irmã Esmeralda
dizendo: vamos ali
a passeio pela estrada?
aquêlê tiro que deram
deixou-me sobressaltada

No sertão naquele tempo
podia uma moça andar
passavam 2 ou 3 meses
sem nenhum homem passar
por isso foram elas duas
não tinham o que recear

Iam ali conversando
sôbre a aragem matutina
disse Esmeralda à irmã:
olha para o céu, menina
estás vendo aquelas estrêlas
como têm a luz tão fina?

Chegaram onde o irmão
estava morto na estrada
ô criminoso do mato
atirou em Esmeralda
e enfrentou Angelita
dizendo: não diga nada

Angelita muito pálida
sem está esmorecida
vendo os 2 irmãos já mortos
por uma mão homicida
lhe disse: monstro tirano
eu morro e não sou vencida

Ele disse: Angelita
com tudo isto sou teu;
foi dar-lhe um beijo nos lábios
e Angelita o mordeu
ele cravou-lhe o punhal
ela aí esmoreceu

Pondo a mão na punhalada
disse: monstro desgraçado
aquele velho cachorro
que está ali amarrado
descobrirá estes crimes
e tu serás enforcado

Olhou para a gameleira
que tinha junto à estrada
dizendo: tu gameleira
viste esta cena passada?
és uma das testemunhas
quando a hora fôr chegada

Já na última agonía
exclamou: monstro assassino
tiraste agora 3 vidas
e não sacias o destino?
isto hei de te lembrar
perante o Juiz Divino

— Não julgue que fique impune
êste crime no deserto
tu não vês 3 testemunhas
que estão aqui muito perto?
estas, perante ao público
irão depor muito certo!

Disse Valdivino: és louca
quem viu o que foi passado?
disse Angelita: esse cão
que está ali amarrado
a gameleira e as flôres
dirão no dia marcado!

Olhou para o cão e disse:
olha, meu velho Calar
tu dirá tudo ao juiz
sem ele te perguntar
essa velha gameleira
fica para te ajudar!

— E essa flor que por ela
há festa aqui todo ano
há de tirar a justiça
duma suspeita ou engano
dirá ao juiz: venha ver
quem matou a Floriano!

— As 3 vidas que roubaste
pagarás com tua vida
tu hás de te arrepender
depois da causa perdida
uma lágrima de dor
será por teu pai vertida

Contudo, monstro, perdôo-te!
porque fui e sou cristã
a morte de meu irmão
a minha e de minha irmã
tu hoje matas a mim
outro te mata amanhã!

E pondo a mão sôbre uma
das punhaladas que tinha
disse a Calar: se fugires
consola a minha mãezinha
e diga que abençoe
os pobres filhos que tinha!

—Embora que tu não fales
pôis não te foi concedido
mas um olhar bem olhado
dá idéia dum sentido
um uivo e um olhar
pode ser compreendido!

E ali cerrando os olhos
quase sorrindo expirou
o assassino olhando
chorando se retirou
depois pensou: isso é nada!...
com toda calma voltou

Já estava frio o cadáver
porém nas feições mimosas
via-se perfeitamente
desenho de duas rosas
como se fôsem pintadas
por mãos das mais curiosas

Em Esmeralda se via
o sangue inda saindo
vestigio de zombaria
como quem morre sorrindo
como criança que brinca
finge que está dormindo

O rapaz banhado em sangue
bem no meio da estrada
à esquerda de Angelita
à direita de Esmeralda
com uma mão na ferida
e a outra mão estirada

Valdivino tinha à noite
escrito numa carteira:
«eu hoje hei de matar
«Floriano de Oliveira
«se não matá-lo me mato
«será minha derradeira»

Datou e assinou o nome
pegou a arma e saiu
se encostou na gameleira
a carteira escapuliu
havia um ôco na árvore
nêle a carteira caiu

A fêra não se lembrou
da testemunha ocular
perdendo aquela carteira
alguém a podia achar
ela na mão da justiça
quem poderia o salvar?

Porém uma força oculta
permitiu que ele perdesse
e a mesma força impôs
que dela ele esquecesse
para dizer a seu tempo
o assassino foi esse

Calar o velho cachorro
que aquele espetáculo via
soltando uivos enormes
que muito longe se ouvia
rosnava e fitava os olhos
debalde a corda mordía

Valdivino ali puxando
um facão muito afiado
descarregou no cachorro
um golpe encolerizado
errou e cortou-lhe a corda
com que estava amarrado

Valdivino ficou triste
vendo o cachorro correr
lembrou-se do que Angelita
disse antes de morrer
porém disse: ele não fala
como poderá dizer?

Calar chegou na fazenda
uivando desesperado
dona Maria da Gloria
já tinha se levantado
quando ouviu o cão uivando
aí cresceu-lhe o cuidado

E foi procurar os filhos
onde ouviu os estampidos
Calar foi na frente uivando
com enormes alaridos
dona Maria da Glória
ia aguçando os ouvidos

Como não foi o espanto
quando chegou no lugar
onde achou os filhos mortos
sem nada ali atinar?
Calar sabia de tudo
mas não podia contar

Voltou Maria da Glória
num triste e pequeno estado
já Sebastião em casa
a esperava sentado
não sabia da desgraça
que há pouco tinha se dado

Perguntou pela família
ela não pôde contar
disse apenas: morreu todos...
e apontou para o lugar
estendeu-se para um lado
sem nada mais atinar

Sebastião de Oliveira
foi por ondê a mulher veio
achou a poça de sangue
os filhos mortos no meio
olhou para o céu e disse:
ó meu Deus que quadro feio!

Foi perguntar a mulher
como aquilo foi se dado
ela apenas lhe contou
o que tinha se passado
deixando o pobre ancião
afrito e impressionado

Montou num burro e saiu
dali para a capital
quando chegou na cidade
foi ao quartel general
lá falou mais de uma hora
e nada disse afinal

Depois de muita insistencia
o presidente entendeu
perguntou por Floriano
ele lhe disse: morreu
ele e a familia tôda...
e contou o que se deu

A justiça foi atrás
ver o que tinha se dado
encontrou os 3 cadáveres
no chão em sangue banhados
Calar estava uivando
junto dos mortos deitado

Foram a casa de Oliveira
ver se Maria da Gloria
dava 1 roteiro que ao menos
se calculasse uma história
ela contou essa mesma
qu'eles guardam na memória

Dona Maria da Glória
dois dias depois morreu
Sebastião de Oliveira
com 3 dias enlouqueceu
dentro de duas semanas
tudo desapareceu

A justiça da Bahia
não deixou de procurar
espalhou por toda parte
secretos a indagar
não havia uma pessoa
que dissesse: eu vi matar

Dava dez contos de réis
na moeda que quisesse
a pessoa que chegasse
é seriamente dissesse
teria mais um terreno
a pessoa que soubesse

Porém o crime se deu
quando ali ninguém passava
Cálar sabia de tudo
porque no crime éle estava
se falasse descobria
desejo não lhe faltava

Impressionava a todos
habitantes da cidade
como deu-se aquêlê crime
naquêlê localidade
Floriano de Oliveira
todas lhe tinham amizade

Atribuiu-se a um roubo
por algum aventureiro
mas o rapaz costumava
a não andar com dinheiro
questão de moça não era
ele era justiceiro

Os moradores de perto
eram todos conhecidos
compadre dele e do pai
e por eles protegidos
tanto que se dando o crime
todos ficaram sentidos

Eliziário era um desses
abortos que têm havido
desses que o pão que come
se considera estruido
fazer-lhe o mal é pecado
fazer-lhe o bem é perdido

Esse era fazendeiro
porem dali não saía
nem era bem conhecido
no comércio da Bahia
só onde vendia lá
alguém lá o conhecia

E o dono do açougue
onde ele vendia gado
e o banco onde tinha
dinheiro depositado
tanto que deu-se esse crime
e dele não foi lembrado

Sentiu e chorou bastante
a morte do camarada
e não foi a missa dele
por não ser de madrugada
pois só tinha uma camisa
e esta estava rasgada

Tambem procurou saber
quem seria o assassino
não sei se pelo dinheiro
ou pelo proprio destino
mas nunca lhe veio à mente
ser seu filho Valdivino

Onde deu-se o crime havia
duas estradas em cruz
diziam que ali se achavam
umas flores muito azuis
formando uma lapa igual
a do menino Jesus

Os baianos costumavam
desde a antiguidade
fazer uma grande festa
naquela localidade
véspera e dia de ano
ali era novidade

Na capital da Bahia
não havia outro festim
havia missa campal
orquestra e botiquim
bailes naquelas latadas
bem cobertas de capim

Em oitocentos e nove
estava a festa a terminar
um velho que ali passava
passou naquele lugar
atrás desse caçador
vinha o cachorro Calar

Abrigou-se numa sombra
vinha muito esbaforido
foi cheirar os pés das cruzes
que o senhor tinha morrido
cheirou as das duas moças
e depois saltou um gemido

Estava ali o general
o bispo e o presidente
com o chefe de policia
homem muito experiente
todos ficaram daquilo
impressionadamente

O general perguntou
de quem era aquele cão
respondeu o velho Pedro:
esse cachorro, patrão
é do defunto Oliveira
que Deus dê-lhe a salvação

—Este cachorro é o rei
dos cachorros caçadores
ainda adora o lugar
que mataram seus senhores
se fôsse de madrugada
seus uivos faziam horrores

Disse o chefe de policia:
inda não se descobriu
a morte de um patriota
que tanto a pátria serviu
foi logo neste deserto
em hora que ninguem viu!

Disse ali o presidente:
se ainda se descobrir
o autor dessas 3 mortes
eu juro a Deus o punir
serei o carrasco dele
quando a fôrça subir

—Sebastião de Oliveira
era um pobre acreditado
a familia deu exemplo
o filho um rapaz honrado
era um rapaz distinto
por todo mundo estimado

Então disse o general:
isso inda é descoberto
o crime foi muito oculto
feito aqui neste deserto
mas quando chegar o dia
há de saber-se por certo

—Se eu vivo fôr nesse tempo
serei o algoz mais forte
serei um dos que conduz
para o teatro da morte
com a minha própria mão
amolo o ferro que o corte

O cachorro ouviu aquillo
ergueu-se muito contente
foi aos pés do general
festejou o presidente
como quem dizia: o crime
é punido certamente

Disse o bispo: êsse cachorro
é testemunha ocular
êle viu quem fêz as mortes
só falta é êle apontar
se êle visse o criminoso
podia o denunciar

* Disse o velho: êsse cachorro
fêz uma coisa esquisita
tinha uma cobra enroscada
onde mataram Angelita
êle despedaçou-a a dentes
quase que se precipita

—Quando êle vem aqui
nos pés das cruces se lança
solta um uivo muito triste
como quem pede vingança
como quem pede de balde
sem ter daquillo esperança

Nisto chega um cavalheiro
Valdivino de Amorim
andava fora, inda vinha
ver se alcançava o festim
vinha num burro possante
alvo da côr de jasmim

Assim que o cachorro viu
Valdivino se appear
rosnou e partiu a ele
querendo o estraçalhar
só não rasgou-lhe a garganta
devido o velho o pegar

Tremia o queixo e babava
fitando ali Valdivino
uivava como quem já
tivesse perdido o tino
só faltava era dizer:
eis aí o assassino

E foi para o pé da cruz
e ali pegou a uivar
fitando os olhos ao céu
como quem quer suplicar
como quem dizia: ó Deus
vem, quem não posso falar!

O bispo disse: Valdivino
voce está descoberto
fôste o autor sanguinário
das mortes dêste deserto
aquêle cachorro deu
um depoimento certo

O monstro viu o perigo
fêz tudo para negar
o bispo disse, meu filho
não há mentira em olhar
os olhos são verdadeiros
não podem nada ocultar

Os olhos também se queixam
um olhar diz o que sente
ameaça ou traição
punição severamente
declara mágoa ou a dor
porem o olhar não mente

—O olhar daquele cão
está demonstrando a dor
o sentimento profundo
da morte do seu senhor
êle só falta falar
e apontar o matador

Naquilo duas crianças
que estavam em brincadeira
uma delas se trepou
num galho da gameleira
tirando um ninho de rato
achou nêle uma carteira

O leitor deve lembrar-se
dum verso que aqui já lea
veja na véspera do crime
o que Valdivino escreveu
que no tronco da gameleira
a carteira se perdeu

Ali trouxeram a carteira
entregaram ao general
o bispo disse: senhor
o que lhe disse afinal?
não lhe disse que os olhos
só dizem o que é legal?

Valdivino descobriu tudo
em sua interrogação
Calar ali demonstrou
ter grande satisfação
pulava um metro de altura
e rolava pelo chão

Corria escaramuçando
como quem estava em folia
festejou o general
com desmarcada alegria
como quem dizia: nesses
encontrei o que queria

O povo todo da festa
quis a Valdivino linchar
o bispo e o presidente
trataram de acomodar
garantindo que a justiça
havia de o castigar

Saiu prêso Valdivino
Calar o acompanhou
o velho Pedro o chamava
mas êle não escutou
voltou quando Valdivino
prêso nos ferros deixou

O general ao sair
ordenou ao cozinheiro
que desse ao velho Calar
um bom lombo de carneiro
porque muito merecia
aquele bom companheiro

O criado deu o lombo
Calar nem para ele olhou
saiu o povo da festa
e o lombo lá ficou
o cachorro veio comer
à noite quando voltou

A mulher de Eliziário
sabendo o que aconteceu
deu-lhe um ataque tão forte
que no chão se estendeu
passou a noite sem fala
no outro dia morreu

Juvenal, um espanhol
amigo de Eliziário
chegando lá disse ao velho:
você é milionário
compre 3 ou 4 médicos
que provem ele está vário

—Porque ele estando vário
não poderá ser julgado
o processo fica inválido
não pode ser condenado
aí o senhor procura
o melhor advogado

Eliziário pensou
aquilo ser acertado
do contrário Valdivino
ia ser executado
e tinha toda certeza
ele morrer enforcado

Dirigiu-se a capital
procurou um advogado
êsse arranjou 4 médicos
sendo o réu examinado
provaram que há 4 anos
ele era tresloucado

O bispo e o presidente
consultaram ao general
mandaram ver 4 médicos
no reino de Portugal
e fizeram na Bahia
uma junta especial

Vieram de Portugal
4 médicos escolhidos
que por dinheiro sem conta
não seriam iludidos
êsses homens de caráter
jamais seriam vendidos

E examinaram o réu
e cada um de persi
depois disseram que nunca
houve tal loucura ali
nem se quer nervoso havia
todos juraram aí

Fizeram novo processo
depois dêle examinado
estando pronto o processo
Valdivino foi julgado
a sentença que pegou
foi para ser enforcado

Não havia mais recurso
estava tudo consumado
o réu dali a 3 dias
ia ser executado
não tinha mais que apelar
já tinha sido julgado

O velho quase sem jeito
sem nada mais conseguir
tentou o último meio
a fim do filho fugir
mas só dos degraus da fôrca
podia se escapulir

Então soube que o carrasco
era um tal de Zefirino
um calibre mais ou menos
igual ao de Valdivino
tinha os 3 dons da desgraça
covarde, vil, assassino

Era um mulato laranja
de aspecto aborrecido
o couro da testa dêle
sempre se via franzido
os cabelos bem vermelhos
rosto largo não comprido

Foi o velho Elizário
a êsse tal Zefirino
ver se êsse podia dar
evasão a Valdivino
dizendo: ele pula da fôrca
e depois toma o destino

-Pegue dez conto de réis
que lhe dou adiantado
e se tiver a fortuna
dêle não ser enforcado
dar-lhe-ei mais 20 contos
o dinheiro está guardado

Então disse Zefirino:
isso é difícil arranjar
porém quando ele subir
eu finjo me descuidar
ele que vai prevenido
trate logo de saltar

- x Disse Zefirino ao velho:
o senhor deve aprontar
um cavalo bem ligeiro
para quando ele saltar
montar-se logo e correr
antes de povo chegar

-Eu hoje direi a ele
tudo que está planejado;
que côr será o cavalo
que deverá estar selado?

-Diga que é o poldro cobra
em que ele andava montado

Valdivino quando soube
dessa consulta que havia
ficou como uma criança

chorava de alegria
jurando no mesmo instante
que Calar lhe pagaria

E quando chegou o dia
estava o povo aglomerado
Valdivino de Amorim
ia ser executado
tudo ali estava esperando
ele morrer enforcado

Presente ao estado maior
que vinha presenciar
subiu Valdivino à forca
Zefirino foi laçar
porém ele se encolhendo
conseguiu dali saltar

E saiu como um flecha
entre o povo se meteu
se montando no cavalo
dali desapareceu
internando-se no mato
num instante se escondeu

O povo indignou-se
com a fuga de Valdivino
um deles que ali estava
estrangulou Zefirino
porque êsse tinha dado
evasão ao assassino

Porém chegou o cachorro
quase na ocasião
soltou 2 ou 3 latidos
saiu de venta no chão
63 praças foram
tambem na perseguição

Porem Valdivino ia
em bom cavalo montado
tinha grande desvantagem
por não ter saído armado
e Calar no rastro dêle
gania muito vexado

Foi prêso Elizário
como autor da evasão
o povo não o matou
porem foi para a prisão
e o bispo que saiu
pedindo a população

Era meia-noite em ponto
Valdivino inda corria
o cavalo já cansado
que nada mais resistia
e o cachorro Calar
de vez em quando latia

Valdivino conhecendo
que a êle nada valia
e o cachorro Calar

seu rastro não deixaria
pensou em suicidar-se
só assim descansaria

Dentro do mato apeou-se
e amarrou o cavalo
encostou-se numa pedra
sentiu alguém acordá-lo
nisso o cavalo espantou-se
êle não pôde pegá-lo

Seguiu por uma verêda
descalço e todo rompido
ouvindo de vez em quando
Calar soltar um ganido
foi sair bem no lugar
que os crimes tinham havido

Ele viu a gameleira
que sombreava a estrada
Floriano de Oliveira
Angelita e Esmeralda
Sebastião de Oliveira
e dona Maria prostrada

Viu vir uma carruagem
nela vinha um magistrado
que saudou os 5 vultos
depois de ter se apeado
exclamou: sangue inocente
breve hás de ser vingado!

Tornou a tomar o carro
se montando foi embora
nesse momento Calar
vem com a lingua de fora
festejou todos os vultos
e partiu na mesma hora

Um dos vultos chamou êle
o cachorro estacou
Valdivino não ouviu
o que o fantasma falou
só ouviu foi dizer: volte...
e o cachorro voltou

O criminoso pensou
que ali não escaparia
lembrou-se duma pessoa
que morava na Bahia
pois tinha onde ocultá-lo
que nem o cachorro via

Era um compadre e amigo
a quem êle protegeu
que com dinheiro do pai
êsse tal enriqueceu
e ia sempre visitá-lo
quando a justiça o prendeu

Valdivino calculou:
o que eu devo fazer
é ir lá para o quintal

por ali me esconder
ou ele ou a mulher dele
um há de aparecer

E saiu o assassino
chegando lá se escondeu
não houve ali quem o visse
quando o dia amanheceu
o compadre veio fora
e ele lhe apareceu

Valdivino lhe pediu
que não o deixasse morrer
disse-lhe o velho Roberto:
eu tenho onde te esconder
porém ninguém mais daqui
disso não pode saber

Quatro dias decorriam
e o assassino escondido
debaixo dumas madeiras
estava ele metido
o pai dele na cadeia
já ia ser concluído

Num dia de quarta-feira
o velho Calar chegou
a força inda estava armada
Calar ali a olhou
cravando a vista no céu
um uivo triste soltou

Veio ali o presidente
que trouxe um pão e lhe deu
Calar olhou para ele
cheirou-lhe os pés e gemeu
botando o pão entre as mãos
deitou-se e ali comeu

Chegou a força do mato
não trazendo o criminoso
o general com aquilo
ficou muito desgostoso
até o governador
ficou doente e nervoso

O povo em roda da fôrça
só fazia lamentar
que o pai do assassino
devera se executar
todos pediam ao govêrno
que o mandasse enforcar

O cachorro levantou-se
como quem está chamando
foi à casa de Roberto
na porta ficou uivando
olhava para Roberto
partia a ele rosnando

O general com aquilo
ficou bastante nervoso
e disse ao governador:

estou muito receoso
que ali naquela casa
está oculto o criminoso

Então a força cercou
tôda a casa de Roberto
o cachorro só faltava
era dizer: está perto;
o general disse a ele:
o senhor está descoberto

Roberto ali descobriu
o assassino onde estava
debáixo dumas madeiras
o monstro só se conservava
foi lavado ao pé da força
onde o povo o esperava

Contou tudo que se deu
antes de ser enforcado
os vultos que viu nas cruzes
a quem tinha assassinado
o segredo do cachorro
e o carro do magistrado

Às 5 horas da tarde
a justiça o enforcou
o pai d'êle estava prêso
assim que o sino dobrou
ali soltando um gemido
na mesma hora expirou

Estando morto o assassino
o botaram sôbre o chão
o cachorro olhou-o bem
chamando tudo atença
soltou dois ou três latidos
que espantou a multidão

Quando a policia ordenou
pra ser o corpo inhumado
sôbre os pés do general
Calar caiu mui cansado
talvez querendo dizer:
general, muito obrigado

O general foi ver água
ao cachorro ofereceu
ali o velho Calar
dois goles d'água bebeu
trouxeram-lhe uma fritada
porém ele não comeu

Festejando o general
as pernas dêle abraçou
dirigiu-se ao presidente
a mesma ação obrou
depois desapareceu
nôvo destino tomou

Foi direto ao lugar
que o horrendo crime se deu
no pé da cruz de Angelita

ele cavou e gemeu
o velho Pedro o chamou
mas ele não atendeu

Deitou-se entre as 3 cruzes
sua vida liquidou
nas condições dum guerreiro
que da batalha voltou
trazendo loiros de guerra
à sepultura baixou

O general quando soube
que Calar era sumido
e que faziam três dias
que não era aparecido
mandou gente procurá-lo
ficando muito sentido

Saíram 5 ou 6 praças
em procura de Calar
o general tinha dito
não voltem sem o achar
traga ele direitinho
não o faça maltratar

As praças foram ao lugar
onde os crimes tinham havido
onde a família Oliveira
tinham toda sucumbido
bem no pé duma das cruzes
tinha o velho cão morrido

Tinha pôsto têrmo a vida
o maior dos lutadores
o que em sua existência
viu o horror dos horrores
que sem falar descobriu
quem matou os seus senhores

O general quando soube
da forma que o tinha achado
mandou fazer uma cova
e nela foi enterrado
um dos amigos mais firmes
que no mundo foi criado

E na morte dos senhores
ele afirmou ter ação
provou que tinha amizade
ao velho Sebastião
a morte só foi vingada
por sua perseguição

Só não fêz foi dizer nada
mas provou por sua vez
apontou só com a vista
o monstro que os crimes fêz
seus olhos diziam ao público;
êste matou todos três

Deitou-se encostado-as cruces
que tinha edificado
tinha morrido há 3 dias

e nem sequer estava inchado
 como quem dizia: agora
 posso morrer, estou vingado

Mais de duzentas pessoas
 assistiram enterrar ele
 devido a grande firmeza
 que tinha se visto nêlé
 muitas fiôres naturais
 deitaram na cova dêlé

Agora vejam, leitores
 quem era o velho Calar
 e como Sebastião
 um dia pôde o achar
 ele tinha cinco dias
 o dono ia o matar

Então o velho Oliveira
 achou ser ingratição
 matar aquele inocente
 embora fôsse ele um cão
 porém disse: a caridade
 não se faz só a cristão

E levou-o para casa
 disse a mulher que criasse
 dizendo: pode ser bom
 algum dia inda caçasse
 quando nada na fazenda
 talvez os bichos espantasse

De fato, Calar criou-se
e era um cão caçador
maracajá e raposa
tinham dêle tal pavor
que passavam muito longe
da fazenda do senhor

Era o vigia da noite
um minuto não dormia
numa coisa que guardavam
o velho cão não bolia
só quando os donos lhe davam
era que êle se servia

A família de Oliveira
às vêzes a conversar
a velha dizia aos filhos:
êste cachorro Calar
tem expressão de pessoa
que conhece o seu lugar

Em casa do dono dêle
á noite nada chegava
um bacurau que voasse
êle se erguia e ladrava
do poleiro das galinhas
até coruja espantava

Como era muito bom
o dono sempre caçava
porém a vizinho algum

à noite acompanhava
e só ia para o mato
quando o senhor o chamava

Depois de terem morrido
os senhores de Calar
o pobre cão tôda noite
ia para aquêlê lugar
olhava para as 3 cruzes
levava a noite a uivar

Latia e fitiva o céu
que causava pena e dó
via sangue no capim
ele cobria com pó
não queria ir pra casa
passava o dia ali só

O velho Pedro dos Anjos-
vizinho de Sebastião
achou que aquêlê animal
merecia compaixão
chamou-o para não vê-lo-
morrer sem ter remissão

O velho Pedro caçava
toda noite com Calar
mas ele só ia à caça
depois que ia ao lugar
aos pés daquelas cruzes
não deixava de uivar

E assim morreu Calar
 ficou também descansado
 era um cão, porém deixou
 o nome imortalizado
 morreu depois de vingar
 quem já tinha o livrado

Leitor, não levantei falso
 Escrevi o que se deu
 acredite que este fato
 Na Bahia aconteceu
 Depois de lutar então
 Rolou Calar sobre o chão
 Onde seu senhor morreu

— F I M —

ATENÇÃO!

Se o amigo desejar manda fazer seu
 Horóscopo porque deseja saber para
 que parte deve ir, casamento, viagens,
 ramos de negócio, profissões, números,
 dias, pedras felizes, épocas desfavó-
 ráveis e todo os acontecimentos que lhe
 estão sujeitos durante a sua existência.
 Basta mandar a data de nascimento
 acompanhada de Cr\$ 20.00, a Tip. S.
 Francisco, rua Sta Luzia 263—Juscei-
 ro do Norte-Ce. Atendemos urgente.
 O dinheiro deve vir num envelope com o va-
 lor declarado.

Tip. São Francisco

José Bernardo da Silva

Rua Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

*Mercado S. José-Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco*

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

*Café S. Miguel, dentro do Mercado Cen-
tral — Fortaleza — Ceará*

Exclusivo em Natal

ANTONIO EMÍDIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvam, 1885 -- Natal-R.G.N

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

*Mercado de Ferro Aparador, 26
Belém — Pará*

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

*Rua Eng. Paulo Lopes, 695—Lote 4
Bangu — Rio — GB*

BANCA TROVAS DO NORTE

Lino Ferreira Neto

Mercado Publico - Santa Inês — Ma

— **ANTONIO ALVES DA SILVA**

Rua Clodoaldo de Freitas, 707

Terezina — Piauí

P. 5 - AOCFDD.

P. 19 - DFTOGG.

P. 24 - DOUPAA.